

**“Sobre o quanto-de-pergunta uma obra é capaz de produzir”
Entrevista com Roberto Corrêa dos Santos¹**

Maria Cristina Ribas
Carlinda Nuñez

Soletras – Conscientes da dificuldade de perguntar sobre um instigante texto-intervenção que não desenha perguntas respondíveis, sequestramos parte do fragmento 2 que subintitula a presente entrevista e pode ser lido acima. A partir daí, com a paixão em suspenso e na expectativa de um mínimo conforto entre vistas, praticamos outro sequestro no fragmento 48 que diz: “Sim: uma obra será tanto mais potente quanto mais perguntas possa oferecer e provocar: ligar-se menos à forma: mais ao pensamento, que é por vezes sutilmente ação; que é por vezes escandalosamente ação.”

Comecemos, pois.

Tenho que emerge toda ideia de arte bem como de vida e gesto sócio-político-existenciais contemporâneos justamente na passagem abrupta da *forma* ao *pensamento*, do *saber-fazer* ao *fazer*, do produzir *modelos de construção e de beleza* ao produzir *efeitos e modos de entendimento e crítica*; na ruptura epistemológica que se dá na ‘queda’ relativa da modernidade e de suas questões, quase todas ou respondidas ou abandonadas, o ateliê, a biblioteca, o conservatório não mais tomam a frente das coisas de arte e literatura a se oferecerem ao mundo; e isto ocorre antes bem antes dos eventos tecnodigitais mais próximos do nosso dito hoje; ocorre pelos fins dos anos 50, pelos inícios dos 60 e em grande força nos 70 do século XX. Lá (especialmente nas artes visuais e nos atos da vida cotidiana em geral), para além do que se dá na ordem da escrita literária mas não do que vê na ordem da escrita teórico-filosófica, rui um passado glorioso do bem-criar, do bem-dizer, do bem-agir. Trata-se do nascimento de uma história plástico-lítero-política a falar sem descanso das admiráveis coisas ‘mortas’ ao tempo em que se faz a história inquieta e ainda estranha das coisas muito vivas, pulsantes e em deriva. Uma história, pois, traçada por perguntas expostas em toda parte; entre as perguntas, (a) o que se faz quando se faz, (b) o que se diz quando se diz, (c) o

¹ Roberto Corrêa dos Santos é poeta, semiólogo e professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da UERJ. Realiza pesquisas sobre arte e teoria da arte, sobre performance e escrita contemporâneas. Entre os vários livros publicados, o mais recente chama-se **Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil** (Rio de Janeiro: Editora Circuito Editora, 2015)

que se escreve quando se escreve; desejos de ensinamento, perenidade, valor estético etc. tombam; assim, alguém compreende sem qualquer pudor que o nadar pode ser um ato de desenho em campo ampliado (a artista Nena Balthar), um ato formador de linhas e ondas e curvas líquidas, provisórias; alguém pode dedicar-se a todo dia caminhar até a porta de um museu cerrado e entre frestas ali estacionar silencioso e atento para oferecer a necessária quantidade de sopro que possa fazer tal sítio de arte vicejar em virtude dos vento oriundos da trama a envolver boca, estômago e pulmões humanos (falo de um artista oriental cujo nome não me ocorre agora); gestos-perguntas sobre as noções de arte, sobre as tarefas de artistas, sobre os sistemas gerais de distribuição, exposição e disseminação de forças vitais. Trata-se disso, horizontalizar forças vitais e, para tanto, pluralizar as indagações sobre atos e percursos e fazeres. A isso impõe-se certo amor ao fluir, ao senso de nomadismo, aos desmontes de toda sorte: desmontes da tradição de modelagens já dados por métodos norteantes de pesquisas, como se, neste específico site que é a pesquisa em literatura e arte houvesse objeto anterior ao rumo do escrever; cuida-se de caminhar não para ou por uma teoria *de* (isto, aquilo) e sim apenas por um teoria, teoria simplesmente teoria, uma teoria fazendo-se no seu ir-se fazendo: por-se no ‘livre’ estar no fazer do pensamento: aberto, móvel, vagante; teoria – teoria do que for; do que for de significância nutrido e em alguma língua matéria posta; a tal tenho denominado provisoriamente de saber pós-filosófico, ou seja, uma teoria a transitar por corpos, artes, desejos, vidas, escutas, por supralimites; uma teoria processando-se em crises, cuidando de crises, acentuando insurreições irrevogáveis, contrária à rigidez, a hábitos e a tratos da modernidade cultural-acadêmica; uma teoria a diferenciar-se das inegavelmente úteis disciplinas anteriores pois bem amiga da dispersão e do surto; pois bem: um pensar e um escrever e um dizer distantes das explicações globais ou das noções reconhecíveis de objeto e método; suponho que quanto mais adisciplinares e contemporâneas forem as obras (elas mesmas estudos e teorias), mais problemas, mais cruzamentos, mais espreitas; problematizar envolve saltar por sobre as buscas de essência e pisar no fazer sem o imperativo de o *é*; sem esse princípio de o *é*, como vetor essencial e em si, vazam-se os centros, as unidades, as semelhanças, os fechamentos; um artista teve por dedicação em sua curta vida o puro movimento de cortar casas abandonadas ao meio, criar campos de visão impensados, assentando assim perguntas quanto à ideia de lugar, de paisagem, de espaço, de moradia (o artista Gordon Matta-Clark); um escritor tornou-se artista plástico quando decidiu engessar seus livros que não se venderam (o artista Marcel Broodthaers), torná-los esculturas,

estabelecendo perguntas quanto ao que é o que é, o que é a coisa, o que é a letra morta ou a letra viva etc.

Soletras – *No conjunto de sua ensaística, percebe-se uma progressiva autonomização dos paradigmas do gênero e uma aderência plenamente consentida da imaginação poética, o que imprime nestas publicações o sinete libertário do contemporâneo. Encontramos a criação de neologismos (a exemplo do “anartístico”), os compostos por ponto (“arte.política”, “gesto.coletivo” e outros), além do entretecimento de dois campos – arte e política –, de uma forma que ultrapassa a finitude e a mesmice de certas práticas interdisciplinares. Como foi se constituindo na sua prática intelectual e poética esse compósito discursivo? A voz que dele emana é singular ou coletiva?*

Devo dizer que sou alguém aflito e inquieto, uma turbulência de alma a todo instante, um cansaço enorme alcança-me diante de modos de vida e de saber e de pesquisa que já se estabilizaram e de certa maneira se tornaram muletas do existir; esse estado talvez explique a necessidade de expandir-me, de espernear, de buscar; necessidade de ir a mundos muitos e diferidos, desde a rua, e mais próximo sentir-me dos que não-têm, até a intimidade diária com textos e artes estranhos que se produziram e até agora se encontram em certa exclusão; tremo de bom-sabor quando encontro pares que dizem não sigamos por aqui; sinto-me tantas e tantas vezes como os que não-têm, como os que não-podem, como os que não-querem; esse sentir talvez indique algum rastro das coisas feitas, sabe-se lá como, sim e sim feitas. As palavras no que exponho em textos e por vezes em fala estão em comunhão e conflito com a mente, não saem da boca, não se valem da conversa mas do pensar secreto, ruidoso, insistente: recursos gráficos, surgimento de vocábulos, ordens de palavras na frase, espaçamentos muitos, tudo isso torna-se urgência para atender ao inteiramente estado químico-físico-fantasmal do pensamento ininterrupto, a bater a bater a bater e a exigir uma possibilidade de ir ao fora; o que sei é que recuso a maior parte das vezes esse chamado para o agir conforme as grandes convenções da língua já humanizada; deito-me: a casa, qualquer casa que faço, torna-se ilha: paz, distância; o pensamento por horas alegra-me, por horas escraviza-me: sou o cachorro-do-pensamento, o pensamento-dono alimenta-me, diz o como se faz e por onde passear; o cérebro-cachorro-do-pensamento tem rabo; e o rabo move-se para cá e para lá e assim perturba o pensamento que tinha por meta ir em frente mas tem de cuidar do rabo e voltar e voltar e voltar; venho escrevendo com o intento de nem mesmo fazer algo

transdisciplinar e, sim, na falta de outro vocábulo, algo adisciplinar; como se faz? – é a pergunta; e a resposta, uma das respostas, acolher a pluralidade intensiva das coisas que entram na máquina-cabeça como máquina também de libido; não sei como o “compósito” (perfeita e salvadora essa palavra, obrigado) ocorreu; creio que o surto é constitutivo do sentimento de arte, uma ‘moral’ de artista; cuida-se de um surto que se abre e que se abre, e mal deixa dormir; o educar o artista e o tratar o artista (tenho escrito e falado sobre o que denomino de Clínica de Artista) relacionam-se a ampliar os meios de uso dos surtos de alma; sim: a voz aqui é singular-coletiva – há uma legião oculta de gentes na selva selvagem à procura de.

Soletras – *Lendo o ensaio composto em parceria com Miguel Jost, dois pensadores não referidos por vocês se fizeram insistentemente presentes: Thoreau e seu clássico A Desobediência civil (1849) e principalmente Bachelard, quando fala sobre o espírito prometeico, nos Fragmentos de uma poética do fogo (1988), numa passagem que traduzimos aqui:*

“Desobedecer para agir é a palavra de ordem de todos os espíritos criativos. A história do progresso humano se eleva a uma série de atos prometeicos. Mas se alcança autonomia também nos trabalhos diários de vidas individuais, por meio de muitas pequenas desobediências prometeicas, ao mesmo tempo inteligentes, bem pensadas, e pacientemente perseguidas, de forma sutil às vezes, para evitar que sejam inteiramente punidas... Eu diria que há uma boa razão para estudar a dinâmica da desobediência, a faísca por trás de todo saber” (BACHELARD, 1988, p. 107. Trad. nossa).

A palavra ‘obediência’ aparece uma só vez no ensaio de voque este tipo de intervenção espera alcançar?

Antes de dar prosseguimento às proposições que me chegam não apenas como perguntas e sim como ações críticaa rebeldia a primeiro plano e a projeta em outro lugar, com autoridade acadêmica. Como você caracteriza a luta assumida por filósofos, poetas e docentes desobedientes e rebelados, cujas armas são as ideias e as palavras?

Tão exato o recorte trazido como presente de Bachelard, tão sintético e tão amigável; queria eu mais saber acerca dessa faísca a que ele, Bachelard, se refere; talvez seja essa a questão; questão delicada demais para nossas patas sempre demasiadamente pesadas diante do

sutil, do leve, do motor aéreo das criações. Ah, Thoreau, sim: membro da referida comunidade dos que se encontram na selvagem selva à procura de, ou na ilha-casa, à procura de; eu e Miguel Jost, quando decidimos unir nossos silêncios e inquietudes, talvez não nos tenhamos dado conta desses companheiros; estivemos como se somente dois homens se encontrassem para um desafio qualquer e no entanto miudamente temível; homens quando se encontram reconhecem que suas carnes sabem coisas que isoladamente não teriam como reconhecer; fiz há pouco um livrinho com André Monteiro (*Inacreditáveis: assovios antropopaicos*. Editora Oficina Raquel, 2016) que abraçou o mesmo calor prometeico: o mesmo gesto de gritar e saltar e dizer foi feito, indo-se para além do quase; uma vitória; aqui, no ensaio que segue, dois homens casam-se para isso: gritar e saltar e saltar, berrar que colocam com o golpe jurídico-parlamentar-midiático o Brasil no atoleiro, nossa terra treme, os direitos de mulheres e homens e trans começam a ser interditados; vamos gritar dissemos eu e Miguel, ou melhor não dissemos nada e fomos gritar; o estado-manifesto-contemporâneo habita as coisas todas que tenho podido realizar desde sempre, creio; manifestos domésticos chamei-os assim um dia; estamos esperando eu e Miguel Jost e André Monteiro e outros pares o instante do manifesto-irra!!! – o do por refazer a Casa-Brasil ora golpeda – o manifesto-amplamente-dos-sem: ápage!!!

Soletras – *O ensaio com que nos brindam, e que vocês ‘em persona’ assinam, mesmo em formato inconveniente, pertence a uma linhagem. Compõe com a Magna Moralia de Aristóteles (2ª metade do séc. II a.C.) e a Mínima Moralia de Adorno (1951) uma tríade, no sentido de englobarem reflexões topicalizadas sobre a ética, que é um bem a ser adquirido e praticado conscientemente para atender ao interesse da pólis. Do texto mais antigo ao frankfurtiano, o modelo ganhou numeração e compactou o conteúdo em torno de uma linha política; deste ao carioca e atual que aqui se lerá, a forma assume a dimensão mais econômica possível e o foco é a ética no Brasil, filtrada pela teorização da arte. Este, digamos, des-ensaio a quatro mãos – que a seguir se apresenta –, enseja, ainda, um clamor de manifesto. É um texto vivo que nos confronta com um posicionamento singular, na contiguidade exótico banal, rasurando o previsível. E nesse despiste nos desconcerta e realoca em um possível desamparo de sentidos semânticos e empíricos.*

Esta cadeia de efeitos está ou não prevista e enseja algum gesto contemplativo ou reativo? Qual é o impacto que este tipo de intervenção espera alcançar?

Antes de dar prosseguimento às proposições que me chegam não apenas como perguntas e sim como ações críticas, excelentes, nobres, estimulantes, gostaria de deixar o registro aqui sobre estar eu a dizer coisas, sem o Miguel em ato direto mas com o Miguel em ato de ânimo, em virtude de decisão por mim aceita após ponderações de todos; falaram em homenagem, homenagem a mim, e homenagem retira-nos da floresta ou da ilha para ir ao mundo grande, mundo do qual toda existência carece; quanto a ter uma genealogia, somos os dois gratos por nos apontarem lugares e nomes; aos lugares e nomes acima, sim; todo um alto sim a eles; e mais e mais poderiam ali integrar-se igualmente; volto aos surtos: um dizer precisa tantas vezes deixar o perfume ativo dos surtos; um dizer com tal fragrância espera algo de quem passe, talvez, não sei; espera algo de nós mesmos, algo que nos faça saber avançar, recuar, dar o bote, algo para tornar-nos um ser-mais-bicho; se alguém se sentir defronte a algo que deve ou pode trazer às vísceras o animal que o guia, pois bem: precisará despojar-se, morder, pedir – e ser grato.